

Editorial

Tecnologias, cognição e produção de subjetividade

As tecnologias nos desassossegam. Ainda mais quando deixam de ser meras ferramentas que estendem capacidades humanas para se tornarem objetos técnicos capazes de realizar operações às quais somos convocados como coprodutores. De artesãos que portavam ferramentas e as faziam operar segundo suas destrezas, somos hoje convocados a habitar redes nas quais nossas destrezas e nossos corpos são mais um nó articulado a uma gama de processos e instituições.

Além do deslocamento de uma posição de centralidade a uma posição na rede somos assombrados pela velocidade com que essas mesmas redes fazem aparecer novos actantes, com funcionalidades e poderes que nos obrigam a uma permanente mutação.

Para pôr em questão algumas das relações entre tecnologias, cognição e produção de subjetividade em diferentes configurações, convidamos pesquisadores que têm se dedicado a essas temáticas. Interessa, portanto, trazer ao debate não somente o resultado de seus estudos, mas suas problematizações e as abordagens teórico-metodológicas de que lançam mão para pensar as configurações de nosso presente.

Sugerimos um percurso entre os artigos, mas certamente os leitores produzirão seus próprios, pois cada artigo apresenta objetivos e um campo próprio de experiências, narrativas e argumentações. Entretanto, transversalmente a todos eles encontramos a necessidade de pensar o presente com uma ampliação da própria noção de tecnologia.

Iniciamos pelo artigo de Carlos Cardoso e Tania Galli Fonseca intitulado *Possibilidades e impossibilidades do corpo-pensamento: finitude, tecnologia e experiência-limite*. Ao trazer a questão da finitude, os autores, revisitam as relações entre técnica, tecnologia e cognição, propondo uma potência própria ao encontro homem-máquina que não se reduza a uma pura instrumentalidade. Ao deslocarem-se do pressuposto da existência um sujeito transcendente e universal reposicionam a subjetividade e a cognição como modos de ser incorporados. Acompanham os desdobramentos colocados pelo pensamento da finitude para a filosofia, a arte, a ciência. Discutem as relações que o pensamento da finitude estabelece com as experiências-limite, abrindo possibilidades para o devir e para uma nova relação entre homem e técnica.

O artigo *Subjetividad y subjetivadores en las tecnologías de bioseguridad de la unión europea*, de Francisco Tirado, Enrique Baleriola, Tiago Giordani e Pedro Torrejón analisa a relação entre biossegurança e subjetividade, tomando a primeira como uma tecnologia. Utilizando ferramentas teóricas da Teoria Ator-Rede, os autores apresentam um estudo de caso com aquilo que definem como sendo três subjetivadores típicos nas tecnologias de biossegurança da União

Europeia: viver-juntos; desconecção e projeção futura em uma conjuntura caracterizada pelo pânico e pela ameaça. Os autores argumentam que o pânico e a ameaça não são propriedades psíquicas ou sociológicas em si, mas sim disposições que são ativadas quando se estabelece conexões com tais subjetivadores nesses contextos.

Rosa Pedro no artigo *Tecnologias de vigilância e visibilidade em cena: algumas controvérsias* dá seguimento à problematização realizada no artigo anterior, explorando as ressonâncias das tecnologias de vigilância e visibilidade nos processos de subjetivação contemporâneos. A partir de referencial semelhante ao artigo anterior, toma duas cenas da atualidade criadas a partir de peças midiáticas e que exemplificam a presença desses dispositivos para analisar os efeitos das tecnologias nas formas de ser e de viver na sociedade contemporânea.

Os demais artigos abordam temáticas mais circunscritas, produzindo variações na própria concepção de tecnologia, não estando a mesma somente referida aos artefatos técnicos.

Arthur Arruda Leal Ferreira, Natalia Barbosa Pereira, no artigo *Técnicas de si e clínica psi: um campo de estudos etnográficos*, tomam como ferramenta-chave o conceito de tecnologias ou técnicas de si, proposto por Michel Foucault para desenvolver um estudo dessas técnicas presentes nas práticas clínicas atuais. Nessa abordagem, as tecnologias são analisáveis em componentes como substância, *askesis*, práticas de si, e teleologia. Sustentados em uma pesquisa de campo realizada com dispositivos psicológicos específicos, na Divisão de Psicologia Aplicada da UFRJ, os autores apontam algumas problematizações sobre as práticas psicológicas.

No artigo *Experimentação: possíveis dobras nos processos de formação de um corpo docente*, Roselaine Machado Albernaz e Débora Pereira Laurino debatem a formação docente na área da matemática. Partem de um conto que mistura ficção e realidade para captar outras maneiras de se pensar os processos de formação. O texto atenta também para os dispositivos disciplinares e de biopoder que afetam os corpos entendendo a formação conectada às práticas de si, articulando invenção e experimentação.

Paula Maria Valdetaro Rangel, no artigo *Entre dedos e cliques: a internet móvel e a produção de subjetividade contemporânea*, realiza uma pesquisa bibliográfica, tendo como foco a produção nacional em torno do tema da internet móvel. Evidencia que as publicações veiculadas entre os anos 2000-2012 se concentram no campo da comunicação. O principal foco do debate está colocado na transformação do espaço público pelo uso mídias locativas. Ressalta também que a Teoria Ator-Rede tem se constituído na principal ferramenta teórica dessas análises. Podemos apontar algumas similitudes entre suas análises e alguns dos artigos produzidos nessa edição da revista, principalmente na aposta na Teoria Ator-Rede, porém com uma ampliação das áreas de conhecimento para além da comunicação.

Nize Maria Campos Pellanda, no artigo *Acoplamento tecnológico e autismo: o iPad como instrumento complexo de cognição/subjetivação*, toma por base uma pesquisa em andamento que acompanha crianças diagnosticadas como autistas em sua interação com dispositivos móveis. Como contraponto ao estudo anterior, a autora constituiu ferramentas teóricas em torno dos pressupostos do paradigma da complexidade principalmente pelas contribuições relacionadas aos desdobramentos da cibernética de segunda ordem. Os conceitos de autopoiesis e acoplamento estrutural da Biologia da Cognição de Humberto Maturana e Francisco Varela e o conceito de complexificação/aprendizagem pelo ruído de Henri Atlan sustentam a análise dos processos cognitivos dos sujeitos envolvidos nesse ambiente digital. Com tal abordagem se contrapõem aos tradicionais modos de tratar a cognição com sujeitos ditos autistas.

No artigo *Atenção Cartográfica em Pesquisas Online sobre Políticas de Inclusão Digital* Daniel Q. Lopes, Eliane Schlemmer e Rosane K. Molina discutem a articulação entre políticas públicas provenientes de áreas distintas: o Programa Província de São Pedro (PPSP) que tem como meta distribuir *netbooks* e *tablets* para professores e alunos, priorizando, inicialmente, escolas localizadas em cidades que desenvolvem o Programa Territórios de Paz (PTP) que se constitui em um programa de segurança pública. Apresenta a cartografia digital como proposição metodológica para a pesquisa *on-line* e indica o Mapa Digital da Cultura no RS e a cartografia digital como possibilidades tecnológicas para promover maior articulação entre tais programas.

O artigo *Oficina de informática em saúde mental: análise de um percurso*, de Deise Juliana Francisco, segue a temática analisando o uso de tecnologias no campo da saúde mental. Na perspectiva de construção de estratégias que reforcem os serviços substitutivos à internação psiquiátrica, a autora desenvolveu uma pesquisa-intervenção a partir de oficinas terapêuticas e dispositivos digitais com usuários de Centro de Atenção Psicossocial. No artigo foca a produção de um dos participantes visando a analisar a apropriação de artefatos técnicos e seus efeitos subjetivos. Propõe que recursos informatizados podem ser meios de expressão e de viabilização de construção da subjetividade, conforme sugerem os trabalhos do participante e sua verbalização a respeito do processo.

Tomando agora o foco no campo do trabalho, Ana Gálvez discute no artigo *Teletrabajo y producción de subjetividad: una encrucijada de resistencias* como essa modalidade de trabalho tem sido alardeada como uma proposta que permite conciliar a vida pessoal, familiar e laboral. No artigo critica os enfoques dados ao estudo do teletrabalho. Muitos o analisam baseados exclusivamente em questões técnicas e econômicas advogando os benefícios na flexibilidade espacial e temporal, e outros buscam relacionar essa modalidade a aspectos da identidade do trabalhador. Entretanto, argumenta que existem poucos trabalhos que analisam os efeitos subjetivos

do teletrabalho. Em seu artigo busca se deslocar dessa abordagem discutindo a produção discursiva e as práticas de resistência de mulheres teletrabalhadoras para deslocar os discursos de contextos globais para contextos locais.

Os dois últimos trabalhos deste número debatem as tecnologias no campo da arte.

Andrea Vieira Zanella e seus colaboradores, no artigo *O projeto ArteUrbe: tecnologias e produção de subjetividades* têm como objetivo discutir algumas características das técnicas e tecnologias utilizadas em oficinas estéticas com jovens e suas implicações nas relações que esses estabelecem com a cidade. As propostas de intervenção artísticas são mediadas por linguagens da arte urbana como o *graffiti*, o estêncil e o lambe-lambe, e problematizadas no sentido de sua fruição e experimentação. As análises da experiência possibilitaram os autores afirmar que as próprias oficinas constituem-se como tecnologias à medida que potencializam encontros dos jovens com outros, consigo mesmos e com a cidade.

Completando este número, o artigo *Expressividade como qualidade dinâmica: uma discussão sobre percepção na arte*, de Maria Clara de Almeida Carijó e Virgínia Kastrup segue a discussão no campo da arte examinando como a expressividade pode ser percebida e criada nesse campo. Para as autoras, a expressividade é um fenômeno perceptivo que resulta da apreensão de certas qualidades dinâmicas intrínsecas às obras. Tal abordagem da expressividade conduz as autoras a propor uma reformulação na concepção do ato de expressão artística. Em vez de uma ação de descarga de conteúdos subjetivos, a expressão é tida como uma atividade perceptivamente guiada na qual o artista põe em evidência forças vivas e dinâmicas. Acrescentamos a sua reflexão, que tal concepção permite pensar a própria obra de arte como uma tecnologia.

Finalizamos esse percurso entre os textos evidenciando que os mesmos nos dão pistas de como as questões das tecnologias, da cognição e da produção de subjetividade estão sendo debatidas em nosso contemporâneo. Certamente esse é apenas um aperitivo desse desafiante campo de estudos e problematizações. Uma contribuição que nossa revista apresenta a seus leitores.

Agradecemos a todos os/as autores/as pelas ofertas de pensamento enviadas e aos nossos avaliadores pelo cuidadoso trabalho de avaliação realizado.

Boa leitura.

Neuza M. F. Guareschi - Editora
Cleci Maraschin – Comissão Editorial
Carlos Baum – Editor Assistente